

TECNOAFETOS NA FLORESTA:

Comunicação, afetividade, saúde mental e
inovação na Amazônia

TECHNOAFFECTS IN THE FOREST:
Communication, affection, mental health and
innovation in the Amazon

Erika Siqueira BARBOSA ¹

¹ Mestra em Ciência da Comunicação (UFPA). Especialista em Comunicação Institucional na Amazônia, Publicidade, (UNAMA). Psicóloga, (Estácio Belém). Professora de Graduação e Pos Graduação em Jornalismo e Publicidade na Faculdade Estácio do Pará. Email: erikasblm31@gmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta as experiências e observações adquiridas durante visitas técnicas realizadas às comunidades ribeirinhas do Furo da Paciência e Igarapé Piriquitaquara, localizadas na Ilha do Combu, em Belém do Pará, na região amazônica brasileira. A partir de uma abordagem qualitativa e participativa, buscou-se compreender as dinâmicas socioculturais, ambientais e econômicas que permeiam o cotidiano dessas comunidades. O artigo também aborda como tecnologias e meios audiovisuais, integrados aos afetos e saberes locais, podem ser utilizados para promover saúde mental, engajamento comunitário e inovação social, a partir do conceito de "tecnoafetos". As visitas permitiram estabelecer um diálogo entre saberes acadêmicos e os saberes tradicionais amazônicos, revelando estratégias de resistência, comunicação sensível e sustentabilidade locais frente às adversidades socioambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Ilha do Combu; Comunidades ribeirinhas; Tecnoafetos; Comunicação; Saúde mental; Inovação social.

ABSTRACT

This article presents the experiences and observations acquired during technical visits to the riverside communities of Furo da Paciência and Igarapé Piriquitaquara, located on Combu Island, in Belém do Pará, in the Brazilian Amazon region. Using a qualitative and participatory approach, the aim was to understand the sociocultural, environmental and economic dynamics that permeate the daily lives of these communities. The article also addresses how technologies and audiovisual media, integrated with local affections and knowledge, can be used to promote mental health, community engagement and social innovation, based on the concept of "technoeffects". The visits allowed for the establishment of a dialogue between academic knowledge and traditional Amazonian knowledge, revealing strategies of resistance, sensitive communication and local sustainability in the face of socio-environmental adversities.

KEYWORDS: Amazon; Combu Island; Riverside communities; Technoeffects; Communication; Mental health; Social innovation.

INTRODUÇÃO

A Amazônia representa uma das maiores e mais complexas regiões socioambientais do planeta, abrigando uma imensa diversidade biológica, cultural e ecológica. Entre seus inúmeros territórios, destaca-se a Ilha do Combu, situada na região metropolitana de Belém do Pará, onde se localizam comunidades tradicionais como o Furo da Paciência e Piriquitaquara. Este artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre as visitas técnicas realizadas a essas comunidades, destacando suas formas de organização social, práticas produtivas sustentáveis e relações com o meio ambiente. Visa também contribuir para o fortalecimento do diálogo entre instituições de ensino superior e comunidades locais, promovendo a valorização dos saberes tradicionais amazônicos. Além disso, pretende-se demonstrar como as tecnologias, integradas a processos afetivos e comunicacionais, podem servir como instrumentos de promoção de saúde mental, pertencimento e inovação social.

A Ilha do Combu, situada em frente à Belém continental, às margens do rio Guamá, permanece fortemente conectada ao ambiente natural, apesar da sua proximidade com o centro urbano. De acordo com Dergan (2006), o turismo na Ilha do Combu começou por volta da década de 1980, mas foi somente entre 2010 e 2014 que o local passou a ganhar maior visibilidade. A partir de 2017, o fluxo de pessoas aumentou significativamente e, desde 2019, as atividades turísticas e de lazer passaram a ocorrer também durante a semana. Hoje, a ilha é conhecida como rota gastronômica e turística essencial da cidade. Hoje, é difícil encontrar um adulto belenense que não conheça o local, mesmo que ainda não o tenha visitado. A história de ocupação da Amazônia se faz por meio da confluência de múltiplos povos e saberes. Conforme Diegues (2000), o mito da natureza intocada apaga os modos de vida das populações tradicionais que historicamente constroem formas sustentáveis de habitar os rios e a floresta. Os ribeirinhos da Ilha do Combu exemplificam essa ancestralidade vivida cotidianamente na interação com os ciclos da natureza. A turistificação do território, conforme discute Serra (2019), tem tensionado práticas tradicionais.

Impulsionado pela gastronomia regional, pelas redes sociais e pela busca de “experiências autênticas” — trouxe visibilidade e novas pressões econômicas, fundiárias e ambientais. De 2010 a 2022, o número de restaurantes passou de cerca de 10 para mais de 50 estabelecimentos. Tais números revelam uma mudança de escala e impacto, exigindo reflexão crítica sobre os efeitos da mercantilização da cultura ribeirinha. A região amazônica é marcada por uma ocupação histórica heterogênea, composta por populações indígenas, quilombolas,

ribeirinhas e extrativistas, que desenvolveram modos de vida adaptados às condições do ambiente florestal e fluvial. O Pará concentra diversas comunidades que enfrentam desafios como a urbanização, degradação ambiental e desigualdades sociais (SILVA, 2014). A Ilha do Combu abriga entre 200 e 220 famílias, segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2022), (DERGAN, 2006; VALENTIM, 2018). As comunidades do Furo da Paciência e de Piriquitaquara – aqui vivem cerca de 78 famílias - são exemplos da persistência do modo de vida ribeirinho, com práticas produtivas como a extração de açaí, produção de cacau artesanal, pesca e artesanato. A Área de Proteção Ambiental (APA) da Ilha do Combu, conforme o IDEFLOR BIO (2025) reforça a importância do território para a conservação ambiental e para o turismo de base comunitária.

Os saberes tradicionais das populações ribeirinhas resultam de uma relação ancestral com o meio ambiente. A produção de alimentos, o uso de plantas medicinais e a construção de moradias adaptadas à dinâmica dos rios expressam a integração entre conhecimento empírico e sustentabilidade (DIEGUES, 2000). Durante as visitas, foi possível observar viveiros, hortas suspensas e oficinas com foco na valorização dos saberes locais. Os saberes produzidos pelas populações do Combu transcendem a dimensão utilitária. Como observa Capiberibe (2014), os modos de vida ribeirinhos são também formas de resistência simbólica frente aos processos de homogeneização cultural e de perda de autonomia territorial. A pesca artesanal – sendo que a pesca do camarão já está bem comprometida na região -, a produção do cacau e de chocolate artesanal, além da produção do açaí, os sistemas agroflorestais e as práticas medicinais com base em plantas locais constituem um repertório de saberes que sustentam a identidade coletiva e promovem saúde integral. A partir das visitas realizadas, foi possível observar estratégias de sustentabilidade que articulam conhecimento empírico e inovação local, como hortas suspensas, captação de água da chuva e o uso de resíduos orgânicos. As comunidades demonstram muita organização e a realização de práticas que poderiam inspirar políticas públicas integradas de saúde, educação e meio ambiente.

A proposta dos tecnoafetos integra a cultura digital com a escuta emocional e a comunicação sensível. No Combu, essa abordagem tem sido experimentada por meio de vídeos educativos, cartilhas visuais e oficinas com foco em saúde mental e pertencimento. O audiovisual transforma-se em ferramenta de empoderamento e registro da memória afetiva local (LEMOS, 2002; ROLNIK, 2018). Em depoimento, a jovem Sara, moradora do Igarapé Piriquitaquara, expressa: “Antes eu achava que só quem morava na cidade podia fazer vídeo. Hoje eu vi que a gente pode contar nossa história também. É bonito ver a gente no filme”. O conceito de tecnoafetos, proposto neste trabalho, emerge da necessidade de repensar a relação

entre tecnologia e território a partir de uma perspectiva ética e afetiva. Inspirado em autores como Rolnik (2018) e Muniz Sodré (2002), entende-se que os dispositivos comunicacionais não são neutros, mas carregados de sentidos, afetos e disputas simbólicas.

Assim, ao se utilizar audiovisual, design gráfico e cartilhas visuais de forma participativa, constrói-se uma comunicação sensível, que reconhece a potência criadora dos sujeitos comunitários. A experiência interdisciplinar, com a participação de estudantes e docentes das áreas de Psicologia, Design Gráfico, Publicidade e Propaganda e Direito, promoveu atividades de escuta ativa, captura de material audiovisual, desenvolvimento de identidade visual para campanha de educação de velocidade das embarcações nas comunidades e mapeamento dos afetos do território. Essa proposta se alinha à concepção de saúde como produção de vínculo, pertencimento e reconhecimento (SANTOS, 2006).

Para Silva & Silva (2020), a afetividade dos ribeirinhos na Amazônia encontra-se intrinsecamente ligada ao território, resultando em uma relação simbólica e existencial profunda:

“Nos saberes e práticas diárias das comunidades ribeirinhas, a floresta e o rio não são apenas paisagens ou meios de subsistência, mas superfície sensível de encontros e memórias que permitem a expressão de uma afetividade coletiva e intergeracional, constituindo-se como espaço ‘poeticamente vivo’ no qual se tecem vínculos humanos e ecológicos. Este espaço é atravessado por experiências vividas, narrativas transmitidas oralmente e práticas simbólicas que reafirmam a identidade e a relação de cuidado com o território. Tal dimensão afetiva é fundamental para compreender as formas de resistência e pertencimento dos ribeirinhos diante dos desafios socioambientais contemporâneos” (SILVA; SILVA, 2020, p. 121–124).

Aqui, há o reforço do aspecto afetivo-territorial dos ribeirinhos, demonstrando que a afetividade é constitutiva do próprio modo de vida, e se manifesta em rituais, narrativas e práticas educacionais locais.

INTERSEÇÕES ENTRE AFETIVIDADE DIGITAL, SABERES TRADICIONAIS E INOVAÇÃO SOCIAL NA ILHA DO COMBU

A compreensão dos "tecnoafetos" nas comunidades ribeirinhas da Ilha do Combu demanda um olhar interdisciplinar, que articule as dimensões psicológicas, socioculturais e comunicacionais da vida comunitária. Conforme postulam Santaella (2020) e Rolnik (2018), as tecnologias digitais não são meramente instrumentos de comunicação, mas espaços híbridos onde se dão processos complexos de mediação afetiva e política. A afetividade digital, ou

tecnoafetividade, emerge como um novo campo de investigação que revela como os vínculos emocionais são moldados e potencializados pelas mídias, criando redes de cuidado e pertencimento que atravessam o espaço físico e territorial.

Nesse contexto, as comunidades ribeirinhas do Combu exemplificam uma forma singular de "tecnoafetos", onde os saberes ancestrais e as práticas de sustentabilidade convivem e se articulam com o uso de plataformas digitais (como grupos de WhatsApp e produção audiovisual) para a construção coletiva de narrativas e a mobilização social. Esta mediação tecnológica ressignifica o conceito tradicional de território, para além de um espaço físico, configurando-o também como um espaço simbólico e emocional (Little, 2002). A afetividade territorial observada é uma forma de resistência simbólica e política, na medida em que fortalece a identidade coletiva frente às pressões da mercantilização e da degradação ambiental (Silva & Silva, 2020).

De acordo com Bock (2004), a psicologia social crítica enfatiza a importância da escuta das comunidades em sua historicidade e pluralidade, reconhecendo o sofrimento psíquico não apenas como fenômeno individual, mas como expressão de violências estruturais e ecológicas. No caso das comunidades do Combu, o sofrimento gerado pelo impacto dos banheiros e pela ausência de políticas públicas pode ser compreendido como uma manifestação do racismo ambiental, em que as populações tradicionais são desassistidas e ameaçadas em sua integridade territorial e cultural. A escuta qualificada e a intervenção em grupos colaboram para o fortalecimento dos vínculos comunitários e a ressignificação dos afetos locais, um processo que dialoga diretamente com as propostas de promoção da saúde mental comunitária.

Paralelamente, a comunicação comunitária, como descrita por Martín-Barbero (2003), é um processo de mediação cultural que traduz sentidos entre diferentes mundos sociais. Nas comunidades amazônicas, essa mediação ocorre de forma híbrida e inovadora, envolvendo práticas tradicionais e tecnologias digitais, conforme revelado pela produção audiovisual participativa e o uso dos aplicativos de mensagens instantâneas. Tal dinâmica confirma a tese da "autocomunicação de massa" de Castells (2009), em que os sujeitos se tornam produtores ativos de conteúdo, contribuindo para a construção de narrativas próprias e o empoderamento simbólico.

Este cenário evidencia também a emergência dos "tecnoafetos" como dispositivos de engajamento político e pedagógico. Através das mídias digitais, as comunidades não apenas compartilham informações, mas manifestam solidariedade, convocam mobilizações e constroem redes de cuidado emocional, essenciais para a resistência diante das ameaças socioambientais (Santaella, 2020; Ribeiro, 2019). O uso crítico e afetivo da tecnologia

aproxima as comunidades daquilo que Sodré (2002) define como uma "reinvenção da cultura", processo no qual a identidade se refaz em constante diálogo com as transformações globais e locais.

“Na contemporaneidade, a cultura e a comunicação passam por um processo profundo de reinvenção, onde o conceito de identidade deixa de ser fixo para se tornar fluido e plural. Essa transformação é marcada pelo entrelaçamento das práticas tradicionais com as tecnologias digitais, criando um espaço híbrido que possibilita novas formas de expressão e sociabilidade. A cultura não é mais um conjunto estático de símbolos, mas um campo em constante movimento, onde os sujeitos constroem seus sentidos a partir da mediação tecnológica e das relações afetivas que estabelecem no cotidiano. Essa mediação híbrida desafia as hierarquias convencionais entre emissores e receptores, valorizando o protagonismo das comunidades na produção e circulação de suas narrativas, especialmente em contextos periféricos e marginalizados” (SODRÉ, 2002, p. 134-135).

Portanto, o estudo evidencia que a integração entre Psicologia e Comunicação oferece um campo fértil para compreender as complexas relações entre território, afetividade e tecnologia na Amazônia. A partir da observação participante e da análise de conteúdo (Bardin, 2011), identificou-se que o cuidado coletivo, o pertencimento e a mobilização simbólica se expressam não apenas no contato direto com a floresta e o rio, mas também na mediação sensível das mídias digitais — uma interseção crucial para estratégias de saúde mental comunitária e inovação social.

A CONSTRUÇÃO DE REDES DE AFETO E RESISTÊNCIA NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA

A análise das dinâmicas sociais e afetivas nas comunidades ribeirinhas do Combu demanda uma abordagem que reconheça as múltiplas camadas do território, incorporando as dimensões simbólicas, emocionais e tecnológicas. Nesse sentido, os conceitos de tecnoafetos e comunicação híbrida são fundamentais para compreender como os vínculos emocionais contemporâneos atravessam as mídias digitais e se entrelaçam com os saberes ancestrais locais, configurando uma forma inovadora de cuidado coletivo e resistência cultural. Santaella (2020) destaca que a afetividade nas mídias digitais ultrapassa o simples uso instrumental da tecnologia, configurando modos específicos de estar no mundo, de se relacionar e de construir pertencimentos. Essa perspectiva dialoga com a psicologia comunitária, que enfatiza a importância dos vínculos sociais para a saúde mental coletiva, considerando o sofrimento psíquico como um fenômeno socialmente situado, vinculado às condições materiais e

simbólicas do território (Bock, 2004). Assim, a mediação tecnológica nas comunidades do Combu atua como um espaço de construção de sentidos e de acolhimento emocional, onde a comunicação não apenas informa, mas também produz cuidado e mobilização política.

A comunicação híbrida, como proposta por Martín-Barbero (2003), reforça essa interligação entre meios tradicionais e contemporâneos, ao reconhecer que as práticas comunicacionais das comunidades indígenas e ribeirinhas são moldadas por processos de mediação cultural que transcendem a dicotomia entre oralidade e digitalidade. Essas práticas se manifestam, por exemplo, na circulação de narrativas via WhatsApp e vídeos comunitários, que conjugam a oralidade, a escrita e as linguagens audiovisuais em um diálogo vivo e dinâmico. Essa hibridização é um espaço privilegiado para a emergência dos tecnoafetos, entendidos como vínculos emocionais mediados pelas tecnologias, que fortalecem a coesão social e o engajamento político.

“Vivemos um caldeamento denso e híbrido das formas de comunicação e cultura: a oralidade que ainda persiste com força, a escrita e o design, a cultura de massas e suas ambivalências, as mídias digitais que se configuram como uma cultura do acesso, uma cultura do disponível, em que as mediações se multiplicam e se cruzam, produzindo sentidos em contextos específicos, atravessados por afetos e memórias coletivas. Esse processo evidencia que as fronteiras entre os meios tradicionais e as novas tecnologias não são estanques, mas estão em constante interação, criando espaços de hibridismo comunicacional. Assim, a comunicação não se restringe a um modelo unívoco, mas se manifesta em práticas plurais, que articulam o local e o global, o antigo e o novo, o individual e o coletivo. Essa confluência possibilita a emergência de novos modos de expressão e subjetividade, profundamente marcados pela mediação tecnológica e pela presença constante dos afetos” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 27-28).

Martín-Barbero (2003) argumenta que a comunicação nas sociedades contemporâneas ultrapassa a simples transmissão de mensagens, configurando-se como um processo complexo de mediação cultural em que diferentes tempos, espaços e linguagens dialogam entre si. Ele destaca que a comunicação híbrida incorpora elementos da oralidade tradicional, das mídias impressas e das tecnologias digitais, formando um caldeamento cultural denso e multifacetado, onde as práticas comunicacionais são atravessadas por afetos, identidades e histórias locais. Esse fenômeno cria um espaço de negociação simbólica em que os sujeitos não apenas recebem informações, mas reinterpretam e ressignificam conteúdos, construindo vínculos emocionais e comunitários. Assim, na experiência das comunidades ribeirinhas do Combu, essa comunicação híbrida manifesta-se por meio das mídias digitais, como o WhatsApp e a produção audiovisual local, que, ao se entrelaçarem com saberes ancestrais, promovem os chamados tecnoafetos —

vínculos afetivos mediados pela tecnologia que fortalecem o pertencimento, a resistência cultural e a saúde mental coletiva.

Além disso, os saberes tradicionais, conforme apontado por Diegues (2000) e Silva & Silva (2020), são fundamentais para entender o modo como os ribeirinhos percebem e se relacionam afetivamente com o território, não apenas como espaço físico, mas como espaço vivido e sentido. A afetividade territorial é um elemento estruturante que articula práticas cotidianas, memória, educação e sustentabilidade, reafirmando a identidade cultural e a resistência frente às ameaças ambientais e sociais. Portanto, a articulação entre esses saberes e as tecnologias digitais, na forma dos tecnoafetos, configura uma inovação social que promove a autocomunicação e a ressignificação das narrativas locais, empoderando as comunidades e ampliando seus espaços de expressão.

Concomitantemente, a metodologia participativa adotada, com base na observação participante e na pesquisa-ação, como recomendada por Minayo (2001) e Thiollent (2011), favorece a construção colaborativa de conhecimento, fortalecendo laços entre universidade e comunidades e respeitando as vozes e os afetos locais. Essa abordagem interdisciplinar revela que a saúde mental comunitária na Amazônia só pode ser compreendida e promovida por meio da escuta sensível, da valorização dos saberes vernaculares e da apropriação crítica das tecnologias de comunicação, configurando uma prática psicossocial inovadora e situada.

Para imbricar a discussão entre as áreas da Comunicação e da Saúde, na Psicologia, recorreremos aos seguintes autores e suas teorias: Bock (2004) enfatiza que a Psicologia Comunitária deve reconhecer o território como espaço simbólico de vínculos afetivos e memória coletiva, fundamental para a saúde mental e para a resistência social dos grupos historicamente marginalizados. Essa compreensão amplia o papel da Psicologia para além do indivíduo, incorporando a dimensão comunitária e política dos sujeitos e com o uso de tecnologias, pois para Santaella (2020) “as mídias digitais transformam-se em extensões do corpo social, ampliando as formas de sociabilidade e afetividade, possibilitando a emergência de novas identidades coletivas que se articulam com os contextos locais” (Santaella, 2020, p. 45). Ribeiro (2019) aponta que a subjetividade pós-orgânica está imbricada com as tecnologias digitais, que atuam como mediadoras entre o corpo, o território e as experiências emocionais, configurando vínculos afetivos híbridos. Essa perspectiva reforça a ideia de que a comunicação nas comunidades ribeirinhas do Combu integra elementos tradicionais e contemporâneos, numa síntese que fortalece a identidade local e cria formas de protagonismo político.

Silva e Silva (2020) destacam que os saberes da floresta são constitutivos de uma educação afetiva e memória viva, baseados em práticas sustentáveis e relações simbióticas com

o território, os quais são reencontrados e reinventados a partir do uso das tecnologias digitais como meio de registro e difusão cultural. Diegues (2000) cita que os saberes tradicionais amazônicos combinam empirismo e cosmovisão, que fortalecem as estratégias comunitárias de resistência e autonomia frente à mercantilização da natureza. Serra (2019) alerta para os efeitos nocivos do turismo predatório e da especulação fundiária na Amazônia, que frequentemente desconsideram os direitos territoriais e culturais das populações tradicionais, gerando processos de desterritorialização e vulnerabilidade social. Essa conjuntura reforça a necessidade das comunidades ribeirinhas do Combu se apropriarem das mídias digitais para construir espaços de resistência, visibilidade política e mobilização comunitária, alinhado às discussões sobre direitos territoriais e justiça socioambiental. Thiollent (2011) enfatiza que a pesquisa-ação interdisciplinar é um método eficaz para a construção colaborativa do conhecimento, fortalecendo os vínculos comunitários e possibilitando respostas mais humanas e contextualizadas às demandas sociais. Já Bock (2004) e Martín-Barbero (2003) dialogam ao apontar que o diálogo entre Psicologia e Comunicação é essencial para compreender e potencializar os processos subjetivos e coletivos que sustentam práticas de cuidado, engajamento e resistência em contextos marginalizados como o do Combu.

Assim, este trabalho destaca a relevância dos tecnoafetos como uma categoria analítica que articula psicologia e comunicação, ampliando a compreensão dos processos afetivos mediadores na construção de pertencimento e resistência nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. A interseção desses campos aponta para a necessidade de políticas públicas e práticas acadêmicas que considerem as especificidades culturais, tecnológicas e emocionais dos territórios amazônicos, promovendo uma Amazônia viva, sensível e plural.

METODOLOGIA

O objetivo principal das duas visitas técnicas em 5 meses foi a aproximação entre os estudantes/pesquisadores e as comunidades locais, com foco na observação das práticas sustentáveis, do modo de vida ribeirinho e da relação das populações com o ecossistema amazônico. Além disso, buscou-se implementar ações interdisciplinares com foco em educação, comunicação e saúde comunitária. A pesquisa teve caráter qualitativo, com ênfase na observação participante, entrevistas semiestruturadas com moradores locais e registros fotográficos e audiovisuais. Foram realizadas rodas de conversa com lideranças comunitárias, produtores locais, professores e jovens das comunidades. As atividades envolveram ainda atendimentos psicológicos em grupo.

O projeto foi conduzido por um grupo interdisciplinar com integrantes dos cursos de Publicidade e Propaganda, Design Gráfico, Psicologia e Direito, entre docentes e alunos, o que possibilitou um olhar ampliado sobre as questões socioambientais, jurídicas, emocionais e comunicacionais das comunidades. As etapas da visita se dividiram entre: o Planejamento prévio: organização da equipe, definição dos objetivos, elaboração de roteiros de visita e autorização das comunidades; execução: visita de campo com acompanhamento de guias locais que desenvolvem um trabalho de Turismo de Base comunitária, com Raquel e Leandro da empresa Monotur, entrevistas, escuta psicológica e mapeamento dos afetos do território. E foi desenvolvida a seguinte sistematização: análise dos dados obtidos, elaboração de registros, materiais gráficos e devolutiva para as comunidades.

As visitas técnicas às comunidades começaram pela comunidade do Furo da Paciência que está situada ao longo de um igarapé sinuoso, é conhecida por sua forte tradição no extrativismo e na agroecologia. A visita revelou uma comunidade resiliente, que mantém viva a produção artesanal de alimentos e remédios naturais, além de desenvolver práticas educativas com crianças e jovens. Foi possível observar viveiros de plantas medicinais, hortas suspensas e sistemas de captação de água da chuva. Capturas de imagens, roda de conversa e escuta emocional foram realizadas com foco na experiência das crianças frente aos impactos dos banheiros causados por embarcações velozes. Aqui a comunidade participou ativamente das discussões, forneceu grande material com narrativas e depoimentos comandados pela D. Rosalina Trindade, dona do restaurante Restô do Ilha, onde a comunidade se reuniu na primeira visita técnica e onde foi aplicada a escuta e a dinâmica de grupo, que exemplificou a forma de comunicação exercida pela comunidade através das mídias digitais, das mensagens enviadas através dos grupos de WhatsApp, que costumam ser eficazes e atingem toda a comunidade.

Já no Igarapé Piriquitaquara, localizada em uma região um pouco mais interiorizada da ilha, a comunidade impressiona pela organização comunitária e pela diversidade de suas atividades produtivas. Durante a visita no empreendimento da família Ygaram houve troca de saberes sobre a produção de artesanato local, cultivo de hortas orgânicas e construção de narrativas visuais sobre a vida no igarapé. O audiovisual foi utilizado para construir vídeos poéticos sobre o cotidiano das mulheres ribeirinhas. Os desafios e potencialidades observadas nas comunidades foram o acesso limitado a serviços públicos (saúde, educação, saneamento); as pressões fundiárias e ameaças ao território com a venda de terrenos para as construções de empreendimentos que fogem ao padrão de arquitetura amazônico e nem contrata os moradores da ilha que com suas ancestralidades aplicam todos os saberes vernaculares entre casas, restaurantes e lojinhas de produtos artesanais locais; a falta de políticas públicas específicas

como a coleta regular de lixo, o saneamento básico para o esgotamento sanitário inexistente na ilha, a utilização das águas dos rios para as piscinas dos empreendimentos que são clareadas com cloro e depois devolvidas a natureza. Contudo, também apresentam: forte potencial para o turismo de base comunitária; fortes vínculos sociais e redes de cooperação; práticas sustentáveis reconhecidas nacional e internacionalmente; disponibilidade para integrar tecnologias digitais como ferramentas de fortalecimento cultural. Como aponta Serra (2019, p. 274), esse processo se refere “à apropriação e transformação de espaços para o turismo e ao direcionamento de atividades para o atendimento de visitantes, buscando-se, assim, atender, sobretudo, a interesses mercadológicos”

Durante as visitas de campo, utilizou-se a técnica de observação participante como ferramenta central. Conforme Minayo (2001), a observação participante permite ao pesquisador integrar-se ao cotidiano dos sujeitos, construindo vínculos de confiança e ampliando a compreensão das dimensões subjetivas e simbólicas das práticas sociais. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores, rodas de conversa com lideranças comunitárias, professores e jovens, bem como registros fotográficos, videográficos e escritos dos momentos vivenciados. A inserção no campo ocorreu de forma ética e respeitosa, com autorização prévia das comunidades e o acompanhamento de guias locais ligados ao Turismo de Base Comunitária. A escuta qualificada foi priorizada, sobretudo em relação às crianças, mulheres e idosos, possibilitando o mapeamento dos afetos e das experiências relacionadas ao impacto ambiental dos banheiros e às transformações territoriais vivenciadas.

A sistematização dos dados ocorreu por meio de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), considerando categorias emergentes como sustentabilidade, pertencimento, sofrimento psíquico, ancestralidade e resistência cultural.

"As categorias de análise são construções teóricas que emergem do processo de codificação e sistematização do material coletado, servindo como instrumentos essenciais para organizar e interpretar os dados. Elas possibilitam que o pesquisador identifique padrões, temas e significados relevantes, contribuindo para a compreensão das dimensões implícitas e explícitas do fenômeno estudado. A escolha e a definição das categorias dependem do objetivo da pesquisa e do referencial teórico adotado, o que torna a análise de conteúdo um método flexível e sensível às especificidades do contexto e do sujeito investigado." (BARDIN, 2011, p. 147-148)

Os dados empíricos foram triangulados com registros audiovisuais e anotações de campo, possibilitando uma compreensão densa e contextualizada das vivências locais. Por fim, as atividades incluíram uma etapa de devolutiva às comunidades, com a socialização dos

resultados, entrega de materiais gráficos e realização de encontros de partilha. Essa etapa é fundamental na pesquisa-ação, pois reforça a reciprocidade entre universidade e comunidade, valorizando os saberes populares e promovendo o fortalecimento das redes locais de cuidado, memória e comunicação.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os resultados obtidos ao longo das visitas técnicas revelam a potência das metodologias qualitativas, especialmente da observação participante e das rodas de conversa, para a compreensão ampliada das dinâmicas sociais, afetivas e ambientais das comunidades amazônicas. A integração dos estudantes com os moradores, por meio da escuta sensível e da convivência nos territórios, permitiu acessar narrativas plurais sobre sustentabilidade, cuidado e resistência cotidiana. Como aponta Minayo (2001), a observação participante proporciona um olhar implicado e imerso, que ultrapassa os dados objetivos e revela sentidos subjetivos das práticas sociais. Nesse contexto, os estudantes puderam não apenas observar, mas sentir e compartilhar os impactos emocionais e territoriais vividos pelas populações ribeirinhas.

A experiência na comunidade do Furo da Paciência evidenciou como os modos de vida tradicionais incorporam saberes ancestrais em práticas sustentáveis e educativas, especialmente voltadas às crianças. O impacto ambiental dos banheiros causados por embarcações de alta velocidade foi um tema recorrente nas falas, sendo associado a medo, insegurança e dificuldade de deslocamento. A escuta psicológica coletiva possibilitou o acolhimento dessas experiências e a construção de vínculos de confiança, fortalecendo o processo de mapeamento afetivo do território. A fala de D. Rosalina, ao destacar o papel das redes digitais na comunicação comunitária, sinaliza a coexistência entre tradição e tecnologia como elemento estratégico para a mobilização local. A comunidade utiliza a rede *Starlink* em cerca de 90% dos empreendimentos da região do Combu.

A Anatel autorizou a operação da Starlink no Brasil em janeiro de 2022, permitindo o uso comercial da rede de satélites em órbita baixa. Segundo a BBC e o Tecnoblog, já em setembro de 2022, a Starlink havia começado a atender áreas remotas da Amazônia Legal, incluindo o Pará — instalando antenas em cerca de 90% dos municípios da região. Em 2023, houve um crescimento significativo da Starlink no Pará, com uso ampliado tanto por entidades públicas quanto privadas. Houve registros da rede sendo contratada para escolas, fazendas, barcos, zonas rurais e até projetos de inclusão digital na região. Especificamente na Ilha do Combu, em julho de 2023, a Prefeitura de Belém, com apoio do Ministério Público e Anatel,

realizou um estudo de campo para viabilizar a instalação de nova infraestrutura de internet (telefonia e dados), incluindo possíveis antenas de internet/5G fora do padrão convencional. Ainda que não mencione a Starlink diretamente, esse movimento sinaliza interesse em fortalecer a conectividade na região com tecnologias compatíveis, como a internet via satélite de baixa latência.

Na comunidade do Piriquitaquara, a produção cultural e artesanal foi elemento central das atividades, revelando uma forte organização social e disposição para a troca de saberes com os pesquisadores. A construção coletiva de narrativas visuais sobre o cotidiano das mulheres ribeirinhas, por meio de filme publicitário, documentário, curta de ficção e reels, destacou a potência do audiovisual como ferramenta de representação afetiva e política. Ao abordar as práticas sustentáveis ali desenvolvidas, como o cultivo de hortas orgânicas e a reutilização de materiais, os dados dialogam com Bardin (2011), que defende a análise de conteúdo como meio de evidenciar categorias emergentes diretamente enraizadas na experiência dos sujeitos, como pertencimento, ancestralidade e resistência cultural.

A triangulação entre registros escritos, audiovisuais e as falas das lideranças comunitárias reforçou a complexidade do contexto amazônico, marcado por desafios estruturais como a ausência de políticas públicas efetivas e a crescente ameaça do turismo predatório e da especulação fundiária. Como salienta Serra (2019), a expansão do turismo na Amazônia deve considerar as especificidades culturais e ambientais dos territórios, evitando a mercantilização descontextualizada das comunidades. A presença de empreendimentos que ignoram a arquitetura local e não contratam mão de obra da própria ilha evidencia uma violação aos princípios do turismo de base comunitária e reforça a urgência de políticas regulatórias mais justas e participativas.

Por fim, destaca-se como resultado relevante a devolutiva dos dados às comunidades, que representou um momento ético e político de fortalecimento das redes locais de memória, cuidado e comunicação. A entrega de materiais gráficos e os encontros de partilha reafirmam a pesquisa como prática de diálogo e transformação social. A interdisciplinaridade entre os cursos envolvidos possibilitou um olhar abrangente sobre os fenômenos observados, permitindo que os saberes da psicologia, do direito, da comunicação e do design se entrelaçassem na construção de soluções criativas e humanizadas. Esse processo revela a importância da presença ativa da universidade nos territórios, não como interventora, mas como parceira no fortalecimento das potências comunitárias.

A análise dos dados coletados durante as visitas técnicas revelou a emergência de múltiplas camadas de sentido relacionadas à sustentabilidade, às práticas comunitárias e ao uso

das mídias digitais como tecnologias afetivas. A partir da sistematização proposta por Bardin (2011), foi possível organizar os registros em categorias temáticas que revelam tanto os desafios quanto as potências presentes nas comunidades visitadas. A análise de conteúdo não se restringiu à quantificação de ocorrências, mas buscou captar os sentidos simbólicos e afetivos expressos nas falas, imagens e vivências compartilhadas pelos moradores.

A sustentabilidade, nesse contexto, foi abordada em sua dimensão ampliada — não apenas como preservação ambiental, mas como modo de vida integrado, relacional e ancestral. As comunidades demonstraram estratégias sustentáveis enraizadas em saberes vernaculares, como o uso de hortas suspensas, plantas medicinais e práticas agroecológicas. No entanto, a sustentabilidade também aparece como resistência, frente à pressão de empreendimentos que promovem a desterritorialização simbólica e material dos modos de vida locais. O depoimento de uma moradora do Piriquitaquara, por exemplo, mencionou a "dor de ver a água do rio que é usada para encher piscina, ser clareada com cloro, e depois devolvida ao rio de forma irresponsável", o que sintetiza o conflito entre formas tradicionais e práticas capitalísticas de ocupação da ilha.

Nesse cenário, a análise também revelou a categoria dos tecnoafetos, entendidos como os vínculos emocionais mediados por tecnologias digitais, que contribuem para o fortalecimento comunitário e a circulação de narrativas locais. Como indicam autores contemporâneos da psicologia e da comunicação digital, os afetos não estão isolados das mídias, mas atravessam e são atravessados por elas (SANTAELLA, 2020; RIBEIRO, 2019). As mensagens enviadas por grupos de WhatsApp comunitários, por exemplo, revelam não apenas informação, mas cuidado, convocação para ações coletivas e mobilização em torno da defesa do território. A fala de D. Rosalina, ao citar a eficácia da comunicação por aplicativos, traduz um uso da mídia que ultrapassa o utilitarismo e adquire valor simbólico de pertencimento e resistência. Santaella (2003) evidencia como as mídias digitais não apenas coexistem, mas se entrelaçam de forma híbrida na vida contemporânea. Esse processo de convergência midiática favorece a emergência dos tecnoafetos, entendidos como vínculos emocionais mediados por tecnologias, pois intensifica a afetividade comunitária e gera novas formas de engajamento e pertencimento.

“Se, de um lado, é preciso perceber distinções, de outro lado essas distinções não podem nos levar a negligenciar o fato de que hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e híbrido: a comunicação oral que ainda persiste com força, a escrita, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível, e a cibercultura, a cultura do acesso” (SANTAELLA, 2003, p. 27–28).

A seguir, apresenta-se uma tabela interpretativa com base em Bardin (2011), relacionando as categorias emergentes, os dados empíricos e os sentidos atribuídos:

Tabela 1 – Sustentabilidade Afetiva na ilha do Combu

Categoria	Exemplo Empírico	Sentido/Síntese Interpretativa
Sustentabilidade	Hortas suspensas, uso de plantas medicinais, reaproveitamento de água da chuva	Sustentabilidade como saber ancestral, prática cotidiana e estratégia de resistência territorial
Sofrimento psíquico	Medo das crianças diante dos banheiros; sentimento de abandono institucional	Expressões do sofrimento ambiental e social frente às ameaças externas ao modo de vida local
Pertencimento	Participação ativa nas rodas de conversa e trocas com estudantes	Vínculo forte com o território, com as redes sociais e culturais da comunidade
Ancestralidade	Saberes tradicionais repassados por lideranças, como D. Rosalina e artesãs locais	Memória viva transmitida oralmente e incorporada nas práticas diárias
Tecnoafetos	Grupos de WhatsApp, produção audiovisual com a comunidade	Mídias digitais como meio de expressão emocional, engajamento político e cuidado coletivo
Resistência cultural	Denúncia contra empreendimento predatório e valorização da arquitetura vernacular	Defesa do território, valorização das raízes locais e combate à homogeneização externa

Fonte: Pesquisa de campo e análise realizados pela autora.

A presença dos tecnoafetos, em especial, foi notável nos processos de comunicação comunitária. As mídias digitais, utilizadas com intencionalidade afetiva e política, permitem às

comunidades narrarem suas próprias histórias, visibilizar seus modos de vida e denunciar ameaças ao território. Essa dimensão está diretamente relacionada ao conceito de "autocomunicação de massa", proposto por Castells (2009), onde os sujeitos produzem e difundem conteúdo para uma audiência ampla a partir de seus próprios dispositivos. A construção de vídeos poéticos com mulheres do igarapé exemplifica essa prática: ao registrar a vida cotidiana com sensibilidade estética, as participantes transformam o audiovisual em ferramenta de identidade e resistência.

Por fim, a devolutiva às comunidades, com a entrega de materiais gráficos e realização de encontros de partilha, representou não apenas uma etapa metodológica, mas um gesto ético e político de reconhecimento dos saberes locais. Esse movimento dialoga com a proposta de pesquisa-ação, que visa construir conhecimento de forma colaborativa, com impacto social e cultural significativo (THIOLLENT, 2011). As comunidades não foram objetos de estudo, mas coautoras do processo, contribuindo com sua memória, sua linguagem e sua presença viva nos registros finais da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visitas técnicas às comunidades do Furo da Paciência e Piriquitaquara, na ilha do Combu, demonstraram a importância do contato direto com os saberes locais e com a realidade socioambiental da Amazônia. Tais experiências contribuem não apenas para a formação acadêmica crítica e cidadã dos estudantes, mas também fortalecem os laços entre universidade e comunidade. A proposta de integrar tecnologia e afeto na comunicação comunitária da Amazônia mostrou-se potente, permitindo que os próprios moradores se tornem narradores de suas histórias. O uso de vídeos, cartilhas, atendimentos psicológicos e materiais visuais sensíveis fortalece redes de cuidado, pertencimento e mobilização local. A valorização dos saberes tradicionais, a escuta ativa e o uso criativo das mídias digitais são fundamentais para a construção de uma Amazônia mais justa, sustentável e solidária. As visitas evidenciaram a potência dos encontros entre saberes acadêmicos e saberes populares. A proposta dos tecnoafetos mostrou-se eficaz como estratégia de cuidado, pertencimento e valorização cultural. A presença dos estudantes na ilha contribuiu para a formação cidadã, promovendo trocas afetivas, escuta ativa e inovação comunicacional.

A articulação entre afetividade, comunicação e tecnologia possibilita o fortalecimento de redes de cuidado na Amazônia, respeitando os territórios e seus modos de vida. A experiência no Combu reforça a importância de se construir uma Amazônia sensível, justa e viva, onde cada

narrativa tem valor. A presente investigação alcançou seu objetivo ao promover a aproximação crítica, ética e afetiva entre estudantes universitários e comunidades ribeirinhas amazônicas, a partir de uma metodologia qualitativa participativa, ancorada na escuta sensível, na observação direta e na produção colaborativa de sentidos. Por meio da imersão em territórios vivos e carregados de memórias, práticas e saberes ancestrais, foi possível compreender de maneira profunda como as comunidades do Furo da Paciência e do Igarapé Piriquitaquara vivenciam, articulam e transformam as tensões entre tradição e modernidade, natureza e cultura, sofrimento e resistência.

A interlocução entre Psicologia e Comunicação revelou-se central para o entendimento das dinâmicas subjetivas e coletivas que perpassam os modos de vida dessas comunidades. Ao integrar a escuta clínica, na roda de conversa com escuta ativa e dinâmica de grupo, onde as discussões e coletas precisam ser repassadas aos demais moradores da comunidade através das mídias digitais, o trabalho explorou uma dimensão emergente na literatura contemporânea: os tecnoafetos, ou seja, os vínculos emocionais mediados pelas mídias, que articulam cuidado, pertencimento e engajamento comunitário (SANTAELLA, 2020; RIBEIRO, 2019). Esses afetos digitalizados não apenas sustentam relações, mas operam como ferramentas políticas e pedagógicas, permitindo às comunidades denunciarem injustiças ambientais, fortalecer redes locais e ressignificar suas próprias narrativas.

Do ponto de vista da Psicologia, especialmente em uma perspectiva comunitária e crítica, a experiência foi significativa para ampliar a compreensão das manifestações de sofrimento psíquico coletivo vinculadas a processos de desterritorialização, exclusão de políticas públicas e impactos ambientais. Conforme aponta Bock (2004), a psicologia social precisa se comprometer com a escuta dos sujeitos históricos e com a transformação das condições concretas de vida. Ao se debruçar sobre os efeitos subjetivos do banheiro, da ausência de saneamento básico e das ameaças fundiárias, o presente estudo demonstra como o sofrimento psíquico é também um reflexo de violências estruturais e ecológicas, que aponta no sentido do racismo ambiental, que atingem de forma complexa os corpos, afetos e territórios da Amazônia.

Já no campo da Comunicação, o estudo contribui para pensar as práticas midiáticas para além dos modelos centrados no consumo e no entretenimento, valorizando a produção simbólica dos sujeitos coletivos. O uso cotidiano do WhatsApp como ferramenta comunitária e os registros audiovisuais realizados em parceria com os moradores exemplificam o potencial das tecnologias quando apropriadas de forma crítica, afetiva e situada. Como afirma Martín-Barbero (2003), comunicar é traduzir sentidos entre mundos distintos, e nesse contexto, as comunidades amazônicas têm muito a ensinar sobre formas híbridas de viver e comunicar no

século XXI. A pesquisa reafirma, portanto, a relevância de abordagens interdisciplinares que articulem afetividade, comunicação e justiça socioambiental, especialmente em regiões periféricas, invisibilizadas ou ameaçadas por lógicas extrativistas. O trabalho realizado não apenas contribuiu para a formação cidadã e sensível dos estudantes envolvidos, como também devolveu às comunidades um reconhecimento simbólico e material de suas práticas de cuidado, memória e sustentabilidade.

Nesse sentido, reafirma-se que práticas acadêmicas engajadas, situadas no território e comprometidas com a escuta e o diálogo são caminhos fundamentais para a construção de saberes outros, capazes de enfrentar os desafios contemporâneos da Amazônia. Ao mobilizar as lentes da psicologia e da comunicação para observar, sentir e narrar os afetos e conflitos do cotidiano ribeirinho, este trabalho se posiciona como uma contribuição relevante para o campo da saúde mental comunitária, da educomunicação e da inovação social na floresta.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana M. B. **A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DERGAN, J. M. B. **História, memória e natureza: as comunidades da Ilha do Combú-Belém-PA**. 2006. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E DA BIODIVERSIDADE DO PARÁ – IDEFLOR-BIO. **Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu. Belém: Ideflor-Bio, 2025**. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/ideflor-bio-avanca-para-conclusao-do-plano-de-gestao-da-apa-da-ilha-do-combu/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Territórios e culturas dos povos da floresta**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2002. Disponível em: <https://www.socioambiental.org>. Acesso em: 30 jun. 2025.

LEMOS, André. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. Sulina, 2002.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Manaus: Universidade do Amazonas, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Paula Sibilía. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Mídias digitais e afetividade: modos de estar no mundo**. São Paulo: Paulus, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias: da cultura de massas à cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SERRA, Adriana Cristina. “**Turismo, sustentabilidade e Amazônia: dilemas e possibilidades.**” In: BARBOSA, L. M. et al. *Desenvolvimento sustentável e turismo na Amazônia brasileira*. Belém: NAEA/UFPA, v. 28, p. 269-281, 2019.

SILVA, Artionka Capiberibe da. **Ribeirinhos da Amazônia: modos de vida e conflitos socioambientais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 29, n. 86, 2014.

SILVA, Maria Luciene da; SILVA, Edilson. **Afetividade e saberes da floresta: educação e memória nas comunidades ribeirinhas amazônicas**. Belém: UFPA, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Reinvenção da cultura: identidade e globalização**. Petrópolis: Vozes, 2002.

STARLINK NA AMAZÔNIA. direitosnarede.org.br.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTIM, Patrícia. **Turismo de base comunitária na Amazônia: o caso da Ilha do Combu**. Belém: UFPA, 2018.